

DEUS MENINO DO MONTE, UMA DEVOÇÃO REQUINTADA E FEMININA

Vânia Bezerra de Carvalho¹

Este trabalho é um estudo preliminar que analisa a devoção ao Deus Menino do Monte, enquanto manifestação da religiosidade popular de uma época, e nitidamente feminina, como expressão significativa da arte sacra baiana oitocentista a partir dos aspectos iconográficos da imagem.

Preliminarmente é importante lembrar que a religião e religiosidade são uma dimensão fundamental da experiência humana. Teóricos, como Durkheim, por exemplo, já comprovaram que a religião é um elemento presente em toda a cultura humana. A necessidade de enfatizar o fenomenológico da presença divina e sua manifestação é própria do homem e muito marcada no povo. Ela se expressa sob diversas formas. Leonardo Boff, numa de suas palestras sobre espiritualidade, fala da necessidade que o homem tem em *experimental* Deus, *vivenciar* a presença de Deus. E que cada um tem a sua forma particular de viver essa experiência. Eduardo Hoornaert nos lembra, por exemplo, que as três forças vitais, constitutivas do corpo humano, são saúde/pão/sonho, e que a religião está inserida neste último. *Tanto quanto de pão o homem precisa de sonho*, afirma ele².

Na verdade, a religião é algo muito mais amplo. Ela atende às necessidades de encontrar o sentido último da vida, entregar-se às forças que conduzem ao Cosmo, ou seja, participar da luta e vencer a limitação e a morte. Dentro dessa concepção mais ampla, Enrique Dussel define a religiosidade popular: *La religiosidad popular es el núcleo fundamental de sentido de la totalidad de la cultura popular porque se encuentran allí la practica que marca la significacion ultima de la existencia*³

Lanternari coloca a religiosidade como fenômeno dinâmico e complexo. Ao afirmar que *não existe uma religião popular em si*. Justifica, mantendo-se dentro da perspectiva marxista, dizendo que a *complexidade das relações entre religião popular e religião oficial espelha a complexidade das relações de classe de uma determinada sociedade. Espelha também a complexidade das relações entre culturas e povos diferentes nos seus contatos inter-étnicos*. Relações essas que *se processam de modo articulado e contraditório. Que as manifestações da religiosidade popular se desenvolvem integralmente no interior da civilização da qual é igualmente descendente a religião oficial e ambas são historicamente inseparáveis*⁴.

É nesta perspectiva da religiosidade feminina que nós analisamos o culto do Deus Menino do Monte, tendo como lastro o contexto histórico da Bahia oitocentista.

* * *

O culto à Natividade de Cristo, como outras devoções, tem origem bem antiga, remontando a época do Cristianismo dos tempos apostólicos. A Igreja de ramo judaico é que, posteriormente, vai influenciar, especialmente, a Igreja oriental. Já nessa época eram cultuados os lugares ligados à vida de Maria e de Jesus, dentre eles a Gruta de Belém. São Justino, Orígenes e São Jerônimo, séculos III e IV respectivamente, relatam episódios que eles recolheram, não apenas da tradição oral, mas também dos costumes que eles observaram no povo palestino da época, testemunhadores desse culto. São Jerônimo interpretara então essa manifestação religiosa como uma forma de resistência à dominação do paganismo romano, desde a época de Adriano até o império de Constantino (135 d.C. à 326 d.C.)⁵. Orígenes fala, inclusive, do reconhecimento do nascimento de Cristo na Gruta de Bel~em pelos próprios inimigos do Cristianismo⁶.

Muitos outros santos e santas da igreja católica relataram algumas de suas experiências religiosas em relação ao culto ao Deus Menino. Por exemplo, existem inúmeros relatos como os de Santa Clara, Santa Brígida, Santa Tereza d' Ávila, Santa Gertrudes, Santo Antônio de Pádua que falam de suas *visões* do Menino Jesus em seus êxtases⁷. Essas visões, sob êxtase, assim como os evangelhos apócrifos, vão se tornar fontes de inspiração para inúmeras representações de Presépio, e da iconografia do Menino Jesus, a partir da Idade Média.

Lanternari chama a atenção, por exemplo, de que *muitos cultos e devoções do catolicismo popular moderno têm suas raízes na ação da Igreja da alta Idade Média, tais como as festas de Natal, de São João, os cultos marianos, as peregrinações, etc.*⁸.

A representação iconográfica do Menino Jesus, com aparência de uma criança entre 4 e 5 anos, data de fins da Idade Média, segundo alguns estudiosos⁹.

O culto ao Deus Menino surgiu na Europa Ocidental em fins da Idade Média, mas é no século XV, em Flandres, que ele se popularizou através da devoção ao *Salvator Mundi*. Primeiramente se propagou pela Península Ibérica e colônias portuguesas da Índia e Ceilão, no século XVI. No século XVII essa devoção alcançou toda a Europa.

No século XVIII foi fundada a Associação do Menino Jesus, pela irmã Margarida do Santíssimo Sacramento, uma devoção que ultrapassou os limites dos conventos e ganhou capelas e oratórios particulares.

Essa iconografia do Menino Jesus, geralmente desnudo, fez surgir a atividade, entre as religiosas e devotas leigas, de confecção de primoroso enxoval para a pequena imagem. Invocado, sob diversos nomes, as mais conhecidas formas de representação são: *Salvator Mundi* (fig. 1), Bom Pastor (fig. 2), Menino Jesus de Malabar (fig. 3), Deus Menino do Trono, Deus Menino Dormente Sentado (fig. 4), Menino Jesus com as insígnias da Paixão (fig. 5), Menino Jesus desnudo para Presépio, Menino Jesus da Caminha e **Deus Menino do Monte** (fig. 6 e 7).

Portugal introduziu esse culto no Brasil, através das mulheres, especialmente das religiosas. Na Bahia, um dos principais centros devocionais do Deus Menino, os mais significativos exemplares desta iconografia datam do século XIX.

No caso específico da representação do Deus Menino do Monte, analisando suas características iconográficas, percebemos nela uma síntese das representações do *Salvator Mundi*, do Bom Pastor indo-português e do Menino Jesus de Malabar. São uma mistura de elementos, inspirados nessas três iconografias.

Na Bahia devemos entender essa devoção, sobretudo, ao Deus Menino do Monte e da caminha, como uma das formas de expressão da religiosidade popular, especialmente feminina, da mulher baiana oitocentista. Data de uma época em que

a sociedade baiana se caracterizava como patriarcal, autoritária, conservadora, elitista e preconceituosa e na qual a mulher desempenhava o papel de dependência e obediência ao pai, marido ou irmão. Para essas mulheres, o culto ao Deus Menino significou a sublimação dos naturais anseios e afetividades reprimidos.

As pequeninas imagens recebiam o carinho e os mimos, numa relação de afetuosa intimidade. É uma devoção que se popularizou, não apenas nos claustros dos mosteiros femininos, mas, também, entre sinhás e sinhazinhas. Era comum presentear as jovens, por ocasião dos seus 15 anos, com imagens do Deus Menino do Monte, ficando elas responsáveis pelos cuidados dessas imagens que eram embaladas com cantigas de ninar. Cabia às sinhazinhas, e religiosas reclusas, a tarefa de vestilas com finas roupinhas de cambraia de linho, bordada e rendada, arte aprendida nos conventos. Quando se casavam, ou ingressavam na vida religiosa, levavam consigo essas imagens.

Em alguns casos, essas devoções estavam ligadas à promessas e pagamentos de graças alcançadas.

Dentro do calendário litúrgico, a devoção ao Deus Menino alcança seu ponto alto no Natal, ocasião em que, dentre outras festividades, se fazia a troca anual do rico enxoval, tanto nos conventos, quanto nas residências das famílias baianas. No dia de Natal, a pequena imagem era deitada desnuda sobre a palha da manjedoura e, no 1º dia do ano, dia da circuncisão, vestia-se a imagem que, então, era colocada de pé sobre a montanha.

Tais circunstância, que envolvem o culto ao Deus Menino do Monte na Bahia, nos leva a considerar essa devoção como uma manifestação da religiosidade marcadamente feminina e a Natividade como uma das mais festivas e alegres do povo baiano, pela espontaneidade, pelo caráter lúdico, um tanto *naïf* que ela contém.

Os elementos definidores da iconografia do Deus Menino do Monte e seus atributos são:

- **a figura do menino** – sempre de pé, sobre um monte escarpado, onde pastam carneirinhos. A imagem representa uma criança, entre 3 e 5 anos de idade, cabelos curtos, geralmente cacheados¹⁰. Expressão serena, às vezes esboçando um leve sorriso. Postura convencional, solene, braço direito levantado em atitude bizantina de bênção. A mão esquerda segura um pequeno cajado, estandarte ou buquê de flores

de fina lâmina de ouro. A postura convencional lembra o Menino Jesus de Malabar;

- **o monte** – representação de uma montanha escarpada, de forma piramidal irregular de base arredondada. O significado simbólico do monte pode estar relacionado às diversas influências, desde ao cristianismo de ramo judaico – origem do povo judeu como tribo de pastores – a Moisés e o monte onde ele se encontrou com Deus; ao monte das Oliveiras ou à própria Jerusalém, cidade sobre montes. Do Bom Pastor indo-português, as cavernas, os espelhos e fontes de água, animais, figuras bíblicas, plantas, aves, elementos tirados da cultura hindu¹, clássica, cristã oriental e ocidental e dos evangelhos apócrifos. Nas representações luso-brasileiras, a alguns desses elementos, misturados a outros mais contemporâneos, vão se agregar biscuits, candelabros, anjos músicos, amuletos, etc., fruto de paciente e laborioso trabalho, nos quais estão revelados o imaginário e a criatividade de seus criadores. São repletos de significado simbólico.

- **a indumentária e adereços** – envolto em finas roupas de cambraia de linha, bordada e enfeitada de rendas: camisinhas de pagão e ceroulas, manto de veludo, brocado, de gorgurão de seda, ricamente bordados de pradarias, fios de ouro, etc.

Como adereços os atributos que definem a imagem são:

cajado de ouro com penças de tetéias;

jóias como brincos, correntes, anéis, abotoaduras, pulseiras de ouro, etc.;

cintos de ouro cravejados de pedraria;

sandalinhas e sapatinhos de ouro ou prata; e

coroas e resplendores de ouro.

Em conseqüência das grandes transformações sócio-econômico-culturais por que passou a Bahia, especialmente Salvador, onde, sobretudo, a mulher foi gradativamente mudando e ampliando seu espaço de atuação. Essa mudança, que resultou numa mudança de estilo de vida e hábitos da sociedade, ao longo da primeira metade do século XX, assistimos ao quase desaparecimento da tradição do culto ao Deus Menino do Monte.

Hoje, essas imagens estão concentradas em museus, antiquários ou coleções particulares. São poucas as famílias que, ainda, mantém em seu poder essa lembrança de uma época em que se podia brincar de boneca com Deus e não se

tinha difundido tanto as teorias psicológicas e transformadoras de sublimação.

O refazimento de novos montes, a realização de exposições são, não só um modo de reativar uma tradição da cultura popular baiana, como reafirmar e retrabalhar símbolos importantes da cultura teológica e popular da nossa herança cristã e portuguesa: a soberania de um Deus que se fez homem e que está presente na criança que deveria ser o centro e o símbolo de um Reino de Paz.

NOTAS

¹ Professora aposentada de História da Arte da EBAUFBA.

² HOORNAERT, Eduardo. Entrevista concedida à autora em 14 de outubro de 1994. Salvador.

³ DUSSEL, Enrique. In: FONSECA, A. B. A Igreja Universal do Reino de Deus; uma forma protestante de religiosidade popular, *Cadernos do CEAS*, Salvador, nº 155. kam/fev. 1995.

⁴ LANTERNARI, Vittorio. La religion populaire; perspective historique et anthropologique, *Archives Scientifique des Religions*, nº 53/, p. 121-143, jan. / mar. 1982.

⁵ BAGATTI, Belarmino OFM. *História da arqueologia dos judeus cristãos; a igreja da circuncisão*. Petrópolis: Vozes, 1975.

⁶ IDEM.

⁷ BRAGA, Sidney S. Aspectos gerais sobre o culto ao Deus Menino, In: *Cultura*, Brasília, nº 15, p. 24-36, out. dez. 1974.

⁸ LANTERNARI, V. Ob. cit.

⁹ BRAGA, S. S. Ob. cit.

¹⁰ Algumas apresentam perucas naturais.

¹¹ Como, por exemplo, o monte dividido em quatro socalcos, simbolizando os quatro planos da vida, de acordo com informações de Zélia Maria Povoas.



Fig. 1
 Salvador-Mundi flamengo. Rosto arredondado, ventre proeminente, coxas volumosas e com reflexos interiores. Mão esquerda segurando o globo terrestre (encimado geralmente por uma cruz). Nadeegas pequenas e apertadas.



Fig. 2
 Bom Pastor em marfim.
 Arte indo-portuguesa. O monte é dividido em socacos horizontais. Na parte inferior a gruta da penitência com Santa Madalena reclinada à indiana. No Socalco intermediário, pássaros bebem e ovelhas descansam guardadas por um cão. No superior, uma fonte com chafariz de onde jorram dois filetes de água. Postura bíblica do Menino Jesus no alto, sentado sobre um coração, símbolo da caridade cristã.



Fig. 3
Menino Jesus de Malabar. Neste exemplar nota-se influências das oficinas de Malines mescladas a elementos da cultura hindu

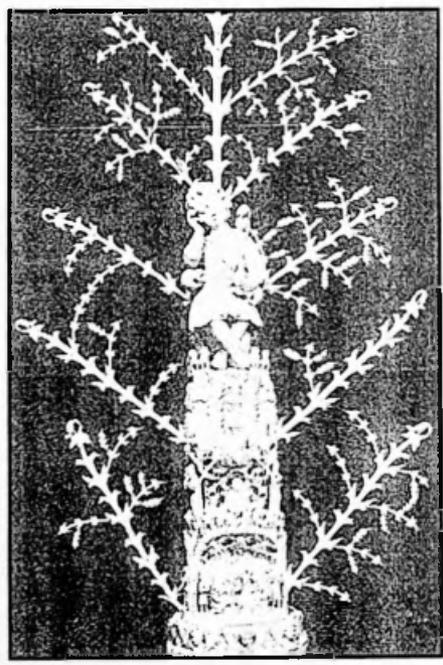


Fig. 4
Bom Pastor de marfim indo-português típico, com a *árvore da vida*. Monte dividido em socalcos.

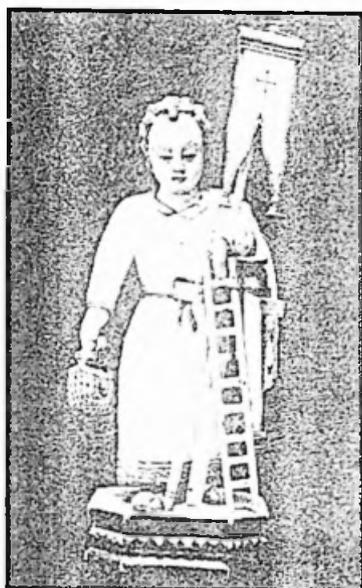


Fig. 5
Menino Jesus portando as insignias da Paixão. Neste exemplar observa-se os caracóis do cabelo e o *urni* búdico caído na testa.



Fig. 6
Deus Menino do Monte com resplendor de ouro. Monte decorado de inúmeras figurinhas de biscoitos diversas, conchas, etc. Na parte central, representação da Gruta de Belém se confunde com a profusão dos elementos decorativos, nos quais se incluem Adão e Eva.



Fig. 7
Detail